

## PAULINHO NOGUEIRA

Paulo Arthur Mendes Pupo Nogueira nasceu em Campinas. Após a adolescência veio para São Paulo, atuando inicialmente na Rádio Bandeirantes e Gazeta.

Em 1960 gravou o primeiro de um total de 23 LPs realizados. No decorrer de sua brilhante carreira, Paulinho Nogueira tem recebido muitos prêmios como solista. Considerado um dos precursores da Bossa Nova, época em que começa a aparecer como compositor e cantor.

Dono de estilo personalíssimo, desde 1964 vem também ensinando, tendo publicado um método de Harmonia para violão, que já está na 19ª edição.

Sua importância artística e didática é revelada em dois de seus últimos trabalhos. De 1986, o projeto "Tons e Semitons", álbum e LP de solos de violão; mais recentemente, o trabalho "Violão e Harmonia", fita de vídeo-cassete, onde Paulinho registra uma panorâmica de sua experiência como músico e professor.

Paulinho Nogueira é uma figura rara no universo musical brasileiro, sendo um dos violonistas mais conhecidos e respeitados entre nós.

# 28

## CANHOTO DA PARAÍBA

Francisco Soares de Araújo, o Canhoto da Paraíba, nasceu em Princesa Isabel, alto sertão paraibano em 1928. Oriundo de uma família de músicos, Canhoto desde cedo habituou-se as serenatas e saraus musicais, sendo o violão a sua grande fascinação.

Ele começa a surpreender no momento em que empunha o violão, pois, como a maioria dos canhotos tem que inverter a posição do instrumento, só que não altera disposição das cordas. Em consequência, desenvolve uma técnica toda particular de execução que, aliada a um senso harmônico-melódico

LO: AABB/SP

dedicados estudiosos do instrumento.

## OS SELECIONADOS

### INTERPRETAÇÃO

Nélson Fernando Caiado  
José Paulo Thaumaturgo Becker  
Paulo Pedrassoli Júnior  
Werner Aguiar  
Antonio Carlos de Souza Júnior  
Marcos Gomes da Silva  
Mônica Parmigiani  
Gilson Uehara Antunes  
Paulo de Tarso Salles  
Roberto Rodrigues Capocchi  
Fábio Ramazzina  
Marcelo Santos Corrêa  
Frederick de Jesus Carrilho  
Edson Lopes  
José Menna Oliveira

### COMPOSIÇÃO

Júlio Bellodi  
Marcos Gomes da Silva  
Paulo de Tarso Salles  
Manoel Deodoro Liberalquino Ferreira  
Mylson Joazeiro  
Fernando Deghi  
Marcos Murillo  
Giacomo Bartoloni  
Roberto Velasco  
Eduardo Camenietzki  
Fred Schneiter  
Abílio Franchini Filho  
Roberto Victório  
José Menna Oliveira

CONFERE COM A ORIGINAL

15.08.05  
José Mário Austregesil  
Coordenador do RPN

ASA BEVILACQUA/IRMÃOS VITALE





LUÍS NASSIF

# Canhoto e o Brasil

CONFERE COM A ORIGINAL

15.08.05

José Mário Austregesil  
Coordenador do RPY

Quando Canhoto da Paraíba desceu de Recife, sua terra de adoção, para o Rio de Janeiro, Juscelino Kubitschek acabava de assumir a presidência da República. A bem da verdade, é bem provável que, de JK, Canhoto só conhecesse a paixão pelo violão, choros e valsas de Dilermando Reis.

Talvez a simpatia contagiante de JK tivesse calado na alma de Canhoto. Mas os arreglos políticos, a construção de Brasília, as alianças complicadas passavam ao largo de seu repertório.

O país mudava, as contas públicas se deterioravam, descobria-se uma modernidade ainda precária.

Canhoto nem se tocava com o que ocorria. Apenas compunha, com suas valsas e choros, com seu violão de cordas invertidas, o grande edifício da nacionalidade.

Assim como seus antepassados músicos, os movimentos fugidios da política não o entusiasmavam.

Políticos presunçosos, empresários deslumbrados, magistrados pernósticos, intelectuais pedantes, tudo era passageiro, menos o motorneiro: os homens com seus acordes e melodias imprevistas.

Canhoto chegou com seu violão de cordas invertidas e penetrou direto no sacrário da música brasileira, o Rio de Janeiro.

Na época, apelidado de Sacristão, tocou na casa de Jacob do Bandolim, presente Radamés Gnattali, um dos pais da música brasileira no século.

Quando terminou de tocar, Radamés jogou o copo de cerveja no teto. E Jacob conservou a mancha, em homenagem ao gênio que vinha do Nordeste.

Ah, o Brasil, o Brasil que se urbanizava, que se internacionalizava, que transformara o Rio de Janeiro na cidade mais agradável do planeta, que consagrava o café society, que abandonava rapidamente a herança rural e ambicionava a internacionalização.

E onde o encanto? Nas mulheres das praias do Rio, no batuque do samba, e na sofisticação mágica da música popular brasileira.

## Sem modismos

Canhoto surgia como um galho nascido de uma árvore ancestral. Passava ao largo dos modismos, apenas tocando seu violão de cordas invertidas, como se fosse um filho temporão de João Pernambuco.

Nos anos 20, Pernambuco e seus Turunas da Mauricéia haviam descido do Norte e mudado a face da música brasileira. O Brasil não passava de um grande gigante adormecido, buscando sua identidade musical.

Poucos anos depois, Pixinguinha se abeberou do jazz e mudou a face da música brasileira. Mas as raízes ancestrais de João Pernambuco se mantiveram.

Depois, vieram a música dos cassinos, Luiz Bonfá, Laurindo de Almeida, Bola Sete e Garoto, o pai de todos. O violão, meio hispânico, meio nordestino de Pernambuco, cedeu lugar à sofisticação de Garoto e seus seguidores.

O Brasil descobria o mundo, mas Canhoto parecia surgir das raízes da nacionalidade, como se tivesse uma linha direta com João Pernambuco, erigindo tijolo a tijolo, pauta a pauta, acorde a acorde, o fio condutor, o fio de Dédalo, nos guiando pelo grande labirinto da globalização.

Quando voltou para o seu Recife, a lenda permaneceu.

Veio 64, a grande noite da ditadura, modernizando hábitos econômicos e atrofiando práticas políticas.

Surgia o Brasil Grande, o milagre, depois o fim do modelo, o grande impasse dos anos 80, depois Collor, depois o pobre Itamar.

No seu Recife, Canhoto nem se incomodava com essas coisas passageiras, com as crises, deslumbramentos, decepções ou fantasias do dia-a-dia, de um país ado-

lescente ambicionando a maioria. Prosseguia apenas no seu afazer de compositor, compondo nota a nota, valsa a choro, a construção permanente da nacionalidade.

Nem reparou quando Fernando Collor surgiu em 1990, escancarando o país para a modernidade. Pouco se importou com a caricatura Itamar.

Nem se deu conta do Plano Real. Apenas prosseguia no seu afazer de carpinteiro da música, esculpindo catedrais sonoras, como um Pernambuco que encarnasse, com a missão indelegável de impedir a diluição dos valores nacionais.

Em cada canto do país sua música genial ia se reproduzindo, como sementes plantadas no fundo do coração de cada chorão brasileiro.

Há algumas semanas, Canhoto completou sua obra. Um derrame inutilizou-o para as novas músicas. Isso ocorreu em um momento em que o país estanca, duvidando do seu futuro, como se fosse possível a um país que teve e tem Canhoto poder duvidar de seu potencial.

Nos próximos anos Canhoto não mais tocará. Mas seu som continuará presente, provando a cada nota, a cada acorde, que a alma brasileira é eterna.

E-mail: lnassif@uol.com.br

## Colecionador

Compra Apólices da Dívida  
de 1902 à 1940

**PAGAMENTO EM DINHEIRO**

No ato do negócio, total seguro

Tratar com

**Sr. Junior**

**(021) 532-0000**

Pio, 30-03-78

**CANHOTO  
PARAÍBA**

# NO PROJETO PIXINGUINHA,

**F**RANCISCO Soares de Araújo, 51 anos, paraibano de Princesa Isabel, quatro filhas, quatro empregos, cerca de cinco salários mínimos mensais, sorriso largo e rosto de lua cheia, tem uma biografia severina, comum a muita gente de sua terra. Mas a dificuldade de "vencer na vida", a luta pela sobrevivência, a transferência da cidadezinha no sertão da Paraíba para o Recife, em busca de muito trabalho e algum dinheiro, foram enfrentadas a partir do caminho da arte. Chico Araújo, ninguém conhece. Canhoto da Paraíba, admirado no meio há vários anos, começa a ter seu nome assimilado pelo público.

E não é para menos. Músico profissional há 25 anos, e compositor há outros tantos, Canhoto continua a tocar seu violão virtuoso em serestas, festas, em casa de amigos. Ano passado, lançou seu primeiro disco — *Com Mais de Mil* — fez sua primeira apresentação em teatro, marcando o lançamento do LP e a abertura do Clube do Choro em São Paulo. Depois dessa apresentação, no Teatro Municipal, veio o convite para formar a primeira das 30 duplas do Projeto Pixinguinha. Amanhã, em pré-estréia, Canhoto da Paraíba estará ao lado de Paulinho da Viola ("produtor do meu disco e um dos grandes incentivadores da chegada de minha música ao Sul") e de um escreta de crques — Copinha na flauta, César no violão, Dininho no baixo, Cristóvão no piano, Chaplin na percussão e Hércules na bateria — no Teatro Dulcina, às 18h30m.

No ensaio, enquanto Paulinho da Viola não chega, Canhoto

da Paraíba vai passando seus acordes com Benedito César, um dos astros do grupo Época de Ouro. Copinha ataca, com seus 30 anos de flauta, e diante do mal disfarçado sorriso do diretor Fernando Faro, fica na reduzida plateia de músicos e amigos a impressão de que já tocam juntos há muito tempo. No *show*, músi-

cas de Paulinho e choros e va de Canhoto.

— Comecei a aprender a tocar violão com 13 anos. Trá atrás de mim a vantagem de ter tencer a uma família de músicos. Meu avô tocava clarineta, pai violão. Meu irmão e um também tocam, e lá em Princesa nossa casa era ponto de enco



*Canhoto da Paraíba,  
cantando para o povo de cá*



JOSÉ TELES

**H**oje à noite, no Teatro Guararapes, o público pernambucano vai ter a oportunidade rara de ver no mesmo palco uma plêiade de cantores e instrumentistas, reunidos em torno de um mesmo nome: Francisco Soares. O projeto é do grupo de Recife, O

**CALENDÁRIO** — As músicas que Dalva Torres cantava na época eram as preferidas de Canhoto; *Viagem* (de Paulo Cesar Pinheiro e João de Aquino) ou *Folhetim* de Chico Buarque, que não poucas vezes o violonista confundia o título, chamando-a de "Calendário". No projeto *CumpliCidades*, em 1995, Dalva Torres apresentou-se

# Canhoto homenageado por Lula

Presidente receberá o violonista, que deixou de tocar há seis anos devido a uma isquemia cerebral, no relançamento do Projeto Pixinguinha

ELES

Violonista e compositor Francisco Soares de Araújo, 76 anos, mais conhecido como Canhoto da Paraíba, será homenageado pelo presidente Lula, no Palácio do Planalto, em cerimônia que relançará o Projeto Pixinguinha. Canhoto da Paraíba estava esboçado pela segunda vez para o projeto, quando este foi lançado, no governo Collor. Porém, infelizmente não pôde participar desta nova edição, muito menos tocar para o presidente algum dos choros que o fizeram ser cultuado por músicos como Jacob do Bandolim, Radamés Gnattali ou Paulinho da Viola. Há seis anos o violão de Canhoto da Paraíba emudeceu. Em consequência de uma isquemia cerebral ele não consegue mais mover o braço esquerdo.

Canhoto mora em uma casa modesta, mas confortável, casa onde mora com a esposa (ela faleceu há um mês), em Maranguape I, no Rio de Janeiro. Canhoto deixa transparecer uma resignação resignada e solenidade em Brasília não o deixa ansioso. Preocupado mais com a viagem que pretende fazer em seguida: "Estou pensando em ir à Princesa, na Paraíba, rever meus amigos, os irmãos". Princesa Isabel, no Sertão da Paraíba, é a cidade natal de Chico Soares, como alguns o chamam. Lá ele viveu até os 25 anos, e aprendeu, aos 12, os primeiros acordes no violão do pai. "Nunca inverti as mãos. Eu decorava as posições e depois repetia. Assim aprendendo. Engraçado é que eu escrevo com a mão direita, mas no violão só pegava com a esquerda". Quando chegou a formar um regional em Princesa, com os amigos e os irmãos. "José, um irmão meu também tocava mexendo no cilindro de uma naçaria perdeu a



ARQUIVO JC

## Violonista inventou técnica única de tocar

Já faz parte da lenda da música pernambucana, a viagem, de jipe, empreendida em 1959, por um grupo de instrumentistas do Recife para conhecer Jacob do Bandolim, no Rio. Uma viagem que levou cinco dias, mas foi recompensada pela acolhida de Jacob do Bandolim: "Ele enfeitou a frente da casa com bandeirolas, convidou Pixinguinha, Radamés. Gostaram muito das minhas músicas", lembra Canhoto, sem acrescentar um fato acontecido nesse sarau.

Meia-noite, o maestro Radamés Gnattali, aditivado com várias doses de uísque, pediu que Canhoto tocasse novamente o choro *Lembrança que ficou*. Ele tocou, e entusiasmado, Radamés atirou o copo de uísque no teto. Enquanto viveu Jacob do Bandolim conservou a mancha intocada, para lembrar a memorável noitada. Canhoto não conta esta história ao lembrar sua primeira ida ao Rio. Prefere falar sobre os grandes músicos que conheceu. Luperce Miranda, por exemplo: "Tocava muito rápido, tinha muita técnica. Quando toquei com ele, comentou para outro músico: 'O garoto aqui é bom'. Eu aprendia ligeiro a acompanhar ele", diz Canhoto.

De sua própria técnica fala muito pouco. A forma como toca, do lado esquerdo, sem inverter cordas, faz com que sua música seja difícil de passar para a pauta. A baixaria do violão ele faz com os dedos que normalmente são usados para solo. Ele sola com o polegar. Como

